

**O Impacto do Fundamentalismo na
Revisão Teológica da Declaração de Fé
Batista de 2000**

Aula Inaugural

25º Aniversário do

Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, RS

Brasil

Apresentado por

Chrístopher B. Harbin

25 de Agosto de 2004

© Copyright 2004, Christopher Byron Harbin. Todos os direitos reservados.

O autor pode ser contatado conforme abaixo:

Christopher B. Harbin
101 Central Church Ln
Arrington, VA 22922-6015
harbin @ theotrek.org

www.theotrek.org

Dedicatória:

Esta aula está dedicada àqueles batistas fiéis, em cujos ombros me encontro. O seu zelo por proteger os direitos do indivíduo para permanecer de pé perante Deus diretamente, sem a interferência de credos, autoridades, ou outros instrumentos humanos. Gostaria de agradecer os heróis da minha herança de fé que me deram a coragem de viver conforme as minhas convicções, enquanto cedo a outros a liberdade de discordar e defender as suas próprias decisões e opiniões.

A nossa liberdade de nos apresentarmos perante Deus é um privilégio bem como uma grande responsabilidade. Os antigos procuravam zelosamente ganhar o ouvido de seus deuses, enquanto *Iahvé* buscava um povo que aceitasse a chamada e as obrigações da fé. Era estrondoso ao mundo antigo que o Criador pudesse ter interesse real com meros mortais. Era entendido que chegar-se ao Todo-Poderoso seria uma grande responsabilidade. Em Jesus Cristo, nos foi dado este encargo privilegiado.

Em Cristo Jesus, Deus criou carne para habitar entre nós e oferecer a sua própria vida em sacrifício a Deus, para que pudesse pleitear nosso caso perante si mesmo. Foi-nos oferecido acesso direto ao trono celestial! Enquanto o privilégio é imenso, a responsabilidade é da mesma grandeza. Foram batistas fiéis que me ensinaram o que quer dizer apresentar-me perante Deus sem qualquer mediador para intervir. Foram heróis batistas que me ensinaram a ter a coragem das minhas convicções e permanecer firmemente nelas em face de oposição e conflito. Foram os meus antepassados batistas quem me ensinaram a respeitar outros cujas convicções eram diferentes, mesmo protegendo os seus direitos de manter perspectivas em conflito com as minhas próprias.

Tal posicionamento é uma ameaça ao fundamentalismo. Esta é a história e herança da fé que me foi entregue. Nem sempre é um posicionamento popular. Nem sempre é fácil seguir o curso, mas a fé não subsiste em tomar o caminho fácil. A fé é aceitar o chamado para seguir a Jesus. Os passos de Jesus o levaram até a cruz, sofrendo o ataque do conceito fundamentalista entre alguns dos fariseus do judaísmo do primeiro século. Foi a minha herança batista que me ensinou a letra e o sentido do antigo hino: “Deve Cristo só a cruz levar, pro mundo livre ir? Ó, há uma cruz pra todos nós, e há uma cruz pra mim.”

Àqueles batistas que carregaram as suas cruces, pregando o que entenderam do Evangelho de Jesus Cristo frente a oposição, àqueles batistas que me ensinaram o que é ter a coragem de suas convicções, àqueles batistas que me mostraram como respeitar o direito de outro para discordar, àqueles batistas que aceitaram viver com incertezas ao seguir a Jesus Cristo como seu único Senhor e Salvador, é que eu dedico esta aula. Foi deles que eu estou aprendendo o que é segurar firme às minhas convicções, estar aberto a novas idéias, e ceder a outros o direito de discordar. Estou em sua dívida, e, espero, no mesmo rumo de fé em Cristo Jesus.

*A serviço do Rei,
Christopher B. Harbin
Porto Alegre, RS, Brasil – Agosto de 2004*

Índice

<i>Características Teológicas do Fundamentalismo Batista</i>	<i>1</i>
<i>Ênfase em Fé como Aceitação de Verdades (Fé Proposicional):</i>	<i>2</i>
<i>A Priori da Teoria de Inerrância (Segurança em Verdade Definitiva):.....</i>	<i>5</i>
<i>Teoria de Inspiração Plenária-Verbal (Menos participação humana):</i>	<i>6</i>
<i>Tendência Polarizante (Defendendo “A Resposta Cristã”):.....</i>	<i>7</i>
<i>Ênfase em Definição Inimiga (importância de batalha espiritual):</i>	<i>8</i>
<i>Dependência na Tradição (a priori da teologia cultural):</i>	<i>10</i>
<i>O Impacto do Fundamentalismo na Revisão de 2000 da Declaração de Fé Batista:</i>	<i>11</i>
<i>Impacto da Fé Proposicional:.....</i>	<i>12</i>
<i>Impacto da Inerrância e da Teoria Plenária-Verbal:</i>	<i>13</i>
<i>Impacto da Polarização:</i>	<i>14</i>
<i>Impacto da Definição Inimiga:</i>	<i>15</i>
<i>Impacto da Dependência na Tradição:</i>	<i>16</i>
<i>Conclusão:</i>	<i>17</i>
<i>Bibliografia:</i>	<i>18</i>

O Impacto do Fundamentalismo na Revisão Teológica da Declaração de Fé Batista de 2000

Nota Introdutória:

É realmente uma grande honra para mim estar aqui com os irmãos. Foi uma honra ter servido como membro do corpo docente do Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul de 1997 a 2002. Renovando o contato e a comunhão com a comunidade do seminário e participando em suas vidas mais uma vez através desta aula inaugural é para mim privilégio e bênção inesperada do nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando recebi o convite to Pr. Eliseu para participar hoje a noite, eu não percebi que estávamos falando da aula inaugural. Quando ele sugeriu a temática para hoje a noite, estava incerto se eu poderia colocar de lado a minha experiência pessoal de ser demitido da “Junta de Richmond” em referência a estes mesmos temas para poder então trabalhar a temática apropriadamente. Somente os irmãos poderão julgar o quanto eu pude cumprir com o desafio, mas é para este fim que tenho preparado a seguinte apresentação. Espero que será de benefício aos irmãos como professores, alunos, administração e comunidade.

Agradeço de novo o privilégio e a honra me concedida. Que tudo que fizermos hoje a noite, e no resto de nossas vidas, traiga honra a Jesus Cristo, o único Senhor e digno de nossa fidelidade e serviço.

Características Teológicas do Fundamentalismo Batista

Para tratar a temática de forma apropriada, devemos tocar em algumas das características básicas do fundamentalismo entre batistas¹ bem como a sua teologia relacionada. Falta-nos tempo para entrar em detalhes, mas tocaremos nas temáticas maiores que servem de base para as posições do fundamentalismo. Compreendendo os papéis destas temáticas principais nos dará direção para uma melhor compreensão da aparência do fundamentalismo e como se relaciona com assuntos específicos.

Começamos com um lembrete de que o fundamentalismo não é a mesma coisa que teologia conservadora. É uma perspectiva filosófica, em contraste a uma posição ou série de posições teológicas. Há quem adota os mesmos posicionamentos teológicos de um fundamentalista, mas que não exibem aqueles fatores que os tornariam fundamentalistas. O fundamentalismo coloca certos pressupostos à frente da fé em Jesus. Alegando proteger a Bíblia, tem-se defendido uma teoria sobre a Bíblia. Assuntos da teoria da inerrância tem exercido autoridade acima da Bíblia que se propus defender e enaltecer. Tem-se chegado a um ponto de bibliolatria, no qual é mais importante o que se diz sobre a Bíblia do que a Bíblia propriamente diz. Em contraste, as palavras de David Hull apresentam uma resposta apropriada: “Podemos ensinar a maravilhosa,

¹ Há outras faces de fundamentalismo entre batistas, mas esta palestra se limitará à vergente maior de fundamentalismo entre os batistas da Southern Baptist Convention (Convenção do Sul) nos EUA.

autoritária verdade da Bíblia, mas nunca elevá-la acima do Senhorio de Cristo como a nossa autoridade suprema.”²

O fundamentalismo NÃO é uma teologia. É uma filosofia. Enfocaremos uma definição proveniente da ciência social que nos apontará uma direção. O fundamentalismo é, então:

*a crença de que existe um grupo de conceitos religiosos que claramente contém a verdade fundamental, básica, intrínseca, essencial e inerrante sobre a humanidade e a divindade; que esta verdade essencial tem oposição fundamental a partir de forças malignas contra as quais se deve lutar vigorosamente; que esta verdade deve ser seguida hoje de acordo com práticas fundamentais e inalteráveis do passado; e que aqueles que acreditam e seguem estes ensinamentos fundamentais tem um relacionamento especial com a divindade.*³

Trataremos estas temáticas do fundamentalismo, ainda que o nosso enfoque seja nas suas implicações na área teológica, bem como suas aplicações práticas. Como Boschen demonstra, esta definição depende da conexão integrada de cada aspecto: definições de conceitos de verdades irrefutáveis, conceito de oposição fundamental, estrutura de implementação histórica e status privilegiado dos aderentes. Estas características podem ser encontradas em variação de grau na população geral. No fundamentalismo, formam um pacote completo e fechado.

Entre batistas da convenção do sul dos EUA (Southern Baptists), o fundamentalismo entrou pelas margens, principalmente por quem não fazia parte da convenção. Houve influência da controvérsia fundamentalista-modernista na Convenção Batista do Norte (Northern Baptist Convention) entre 1900 e 1950, que rachou a convenção. Dentre batistas da convenção do sul, há raízes com o J. Frank Norris da Primeira Igreja Batista de Fort Worth.⁴ Alguns fundamentalistas entraram na convenção quando começaram a perceber que lhes seria possível aproveitar a estrutura convencional para avançar a sua causa. Paul Pressler e Paige Patterson lideraram um grupo para tomar posse da convenção sob a bandeira da inerrância bíblica.⁵ Eles demitiram professores de seminário que apresentavam ameaça aparente, questionando perante o público a salvação de qualquer que não aceitasse a sua perspectiva específica de inerrância. Mais recentemente, os comentários de Jerry Falwell na [comemoração do 25º aniversário da tomada de controle](#) da convenção explicam a situação: “Eu não fazia parte da convenção do sul quando vocês a sequestraram, mas imediatamente após, eu entrei nela.”⁶

Ênfase em Fé como Aceitação de Verdades (Fé Proposicional):

Pontos Identificadores:

Possivelmente a característica identificadora mais clara do fundamentalismo seja a sua ênfase num corpo de conceitos ao qual o indivíduo deveria aderir. Chamaremos esta ênfase de fé proposicional, pois enfatiza o corpo de conceitos relacionados à fé. Historicamente, tal era o alvo do movimento fundamentalista—um “retorno” ao corpo central de conceitos na doutrina e teologia popular. Enquanto o rótulo era de conceitos centrais, o corpo específico de conceitos

² Hull.

³ Altemeyer, Bob and Bruce Hunsberger, em Timothy L. Boschen, *Fundamentalism, Authoritarianism, and Radical Evil*. Junho 2004, trabalho escrito em estudo sabático na Oxford University.

⁴ Merritt, pp. 15-16, 23-25, Gourley, pp. 47-50, e McBeth, pp. 135, 165-171 e 422-425.

⁵ Para maiores detalhes, veja Merritt, pp. 25, 40-42 e Gourley, pp. 51-70.

⁶ Jerry Falwell, citado em DeVane, http://www.abpnews.com/news/news_detail.cfm?NEWS_ID=64.

gira mais em torno daqueles conceitos percebidos estarem sob ataque. Nota-se que o movimento enfoca sua energia num corpo doutrinário, pois tal encontra-se no cerne duma definição de fé proposicional.

A fé cristã obviamente inclui declarações de verdade. O enfoque da Bíblia, porém, tem a ver com um relacionamento com Jesus Cristo como Senhor. O fundamentalismo defende os aspectos proposicionais da fé como sendo a mera natureza da fé. Cada indivíduo deve aceitar um corpo doutrinário específico. Enquanto fundamentalistas não rejeitariam um relacionamento com Cristo, as suas definições elevam doutrina “correta” como sendo co-igual a fé pessoal em Cristo.

A frase determinante para o fundamentalismo seria “estas coisas cremos.” Tende a focalizar as verdades sobre Deus, Cristo Jesus, o evangelhos, a inerrância da Bíblia, e o discurso inerrante da liderança sobre a Bíblia.⁷ Enfatiza crer coisas—conceitos—enquanto a ênfase Batista recaia sobre confiar (crer) em Cristo Jesus. Não mais se coloca ênfase no relacionamento e na submissão a Deus em Cristo—os aspectos relacionais da fé—em seu lugar aceita-se opiniões doutrinárias. Nas palavras de Cothen, “A ênfase num relacionamento vital e pessoal com Cristo mudou-se a uma aceitação intelectual a um corpo de propostas teológicas e sociais e ações aceitáveis.”⁸

Em resposta a esta definição brusca de opiniões inerrantes, William S. Coffin, um batista da convenção nortenha, resume o problema básico: “Porque sou tão severo com pregadores fundamentalistas? Porque é correto ser atacado de dúvidas ... é errado estar mais claro do que a claridade garante, passando por cima de ambigüidades intelectuais e morais simplesmente porque não se tem a segurança para lidar com incerteza.”⁹

Al Mohler, presidente atual da Southern Seminary, clarificou a insegurança fundamentalista com a incerteza e a troca livre de idéias ao classificar o distintivo hitórico batista de liberdade da alma, como tendo se transformado num “individualismo autônomo,” agora uma “infecção” dentro da convenção.¹⁰

Implicações:

A tendência neste conceito proposicional de fé inclui visualizar a doutrina e a formulação doutrinária como naturalmente estática. Tal fato se surge de uma forma extrema do calvinismo, enfatizando a aceitação das declarações corretas em lugar de confiar em Deus em rendição e compromisso. Tal não elimina elementos relacionais da fé, mas os coloca em submissão às fórmulas doutrinárias. A fé tende a ser reduzida a verdades para serem aceitadas cognitivamente, tendendo-se a um legalismo. Acreditando as coisas corretas torna-se a norma definidora para a salvação, cooperação e união.

Muitos fundamentalistas entre Batistas da convenção do Sul (SBC) tem citado Amós 3.3 como estabelecendo o fundamento necessário para a união Cristã: “Acaso andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?” (IBB) Seu desvio interpretativo do texto tem sido utilizado para defender a perspectiva de que deve haver concordância doutrinária por detrás de qualquer união e cooperação. Amós, porém, falava de um acordo para viajar juntos ou um simples encontro como necessário para iniciar uma jornada.

⁷ Boschen, p. 24.

⁸ Cothen, p. 3. Grady Cothen foi pastor da PIB de Birmingham, Alabama, presidente da Oklahoma Baptist University, New Orleans Baptist Theological Seminary e a Sunday School Board, SBC.

⁹ Willian Sloane Coffin, *Credo*. Westminster John Knox Press, 2004. Citado em *Baptists Today*, August 2004, p. 6.

¹⁰ Mohler em Hull, citando de Ellsworth.

O fundamentalista é sempre desconfiado de outros cristãos, dado o seu requisito de acordo doutrinário. Estabelece-se como norma detalhar as posições doutrinárias como a base para uma cooperação. É o resultado natural de defender uma fé essencialmente proposicional. Se os conceitos são os ingredientes essenciais para o sistema de fé, torna-se necessário acolher apenas àqueles que adotam os mesmos conceitos. A fé proposicional tende a uma perspectiva de acordo por completo (tudo ou nada)—ênfatiza credos e conformidade.

Em geral o fundamentalista detalha seus conceitos doutrinários num documento autoritário que torna-se o critério de fé, ensino e pregação. Não é uma declaração de fé, mas um credo. Aceitar o credo é necessário para comunhão e ministério. Enquanto fala-se muito da inerrância da Bíblia, é a aceitação do discurso inerrante do fundamentalista que realmente importa.

A importância das palavras de Draper parecem se perder no meio fundamentalista:

O poder da comunhão cristã ainda choca o mundo. Pretos e brancos, vermelhos e amarelos, jovens e idosos, ricos e pobres, liberais e conservadores, homens e mulheres, radicais e convencionais. Todo tipo de pessoas e históricos . . . juntos . . . todos juntos em harmonia com Cristo! Pessoas, que discordam sem serem desagradáveis, em Cristo juntos! Lindo! O mundo fica maravilhado, e o nosso evangelismo e serviço por Cristo é promovido pela nossa comunhão.¹¹

Em vez de trabalhar pelo tipo de união conforme promovido por Draper, o fundamentalismo tende a fragmentar o corpo. Enquanto não seja o seu alvo intencional, é o resultado natural de sua ênfase em fé proposicional. Tal classifica pessoas entre aqueles que se aderem a suas asseverações¹² doutrinárias e aqueles que não as aceitam. Este contexto cria uma mentalidade de “nós versus eles,” conceito que racha em vez de unir o corpo de Cristo. Dado que as definições de fé são tidas como as declarações definitivas da verdade Cristã, a tendência é de caracterizar aqueles que discordam como infiéis, não-crentes.¹³ Tal tem sido a atitude de líderes fundamentalistas como W. A. Criswell, Paul Pressler, Paige Patterson e Morris Chapman, os quais desejariam que definições doutrinárias determinassem a identidade batista.¹⁴

Sendo que declarações de verdades definitivas têm tanta importância ao fundamentalismo, gera-se um impulso de controlar as conceituações dos demais. Tal há se elevado a um nível sem precedente entre juntas na vida denominacional de supervisionar e até interferir na operação das agências, zelando pela conformidade a um conjunto pre-determinado de conceitos.¹⁵ Antes da tomada de poder, missionários transculturais escreviam e defendiam as suas posições doutrinárias. Agora, devem subscrever à revisão determinante da “Declaração de Fé” revista em 2000, assim assegurando conformidade.

¹¹ Draper, pp. 15-16. As ellipses refletem a pontuação original de Draper.

¹² Declarações definitivas, usar-se-á no restante do documento o termo “declaração”.

¹³ Veja comentários na página **Error! Bookmark not defined.**

¹⁴ Merritt, p. 23.

¹⁵ Merritt, pp. 63-65, citando por completo a carta de Ron Wilson ao presidente da junta da Foreign Mission Board (Junta missionária de Richmond) em 1991.

A *A Priori* da Teoria de Inerrância (Segurança em Verdade Definitiva):

Pontos Identificadores:

Inerrância refere-se ao conceito de que a Bíblia encontra-se isenta de erro. Há muitas variações nos pormenores do conceito, abrangendo aplicação do conceito à intenção teológica da Bíblia até a inclusão de todo e qualquer detalhe relevante e “irrelevante” no texto, pertinentes mesmo à ciência ou história. Este é um conceito externo à Bíblia. Tem origem na lógica humana, não no testemunho bíblico de si mesmo. Batistas tem sempre reivindicado a autoridade das Escrituras como elemento fundamental da fé. A teoria da inerrância diz que a Bíblia é a palavra de Deus se cumprir com certos critérios. Antes do movimento fundamentalista, Batistas da convenção do sul consideraram suficiente aceitar a Bíblia como tendo autoridade e confiabilidade. A teoria da inerrância agrega uma nova dimensão.

O conceito de inerrância torna-se o *a priori* da compreensão fundamentalista da Bíblia. Este conceito cabe sendo o ponto determinante da validade da Bíblia como Palavra de Deus. Assim, o conceito não é negociável. É possivelmente o ítem mais sagrado para a fé fundamentalista.

As definições de inerrância entre batistas da convenção do sul, tem enfatizado os autógrafos¹⁶ bíblicos, não a Bíblia conhecida hoje. Para muitos, é esta a questão que define o ser conservador ou liberal. Os rótulos tendem a refletir o todo da teologia do indivíduo, porém se limitam à postura frente a esta teoria sobre a Bíblia. Qualquer que se abriria para alguma possibilidade de erro num autógrafo é classificado como liberal perante este conceito,¹⁷ e logo herege.

Ao detalhar a certeza de conceitos, existe uma vertente em que as declarações fundamentalistas são tidas como inerrantes num senso maior que da inspiração do próprio texto Bíblico.¹⁸ As declarações de certezas absolutas requerem interpretações inerrantes para se validarem. A suposta inerrância do texto é de pouca importância se a sua interpretação não carrega o mesmo nível de autoridade. Num sistema de fé proposicional, este discurso inerrante é absolutamente essencial.

Implicações:

Para teologia fundamentalista, qualquer contradição do conceito de inerrância destroi a base da fé. Já que a fé é proposicional, as suas declarações e os alicerces de suas interpretações devem ser invioláveis. Se preocupações sobre a validade de declarações bíblicas surgirem, o todo da fé entra em dúvida, se não for destruída. Igualmente, a liderança promovendo um corpo de conceitos deve permanecer acima de crítica, pois as suas interpretações e influência são mecanismos do sistema de fé. Já que a fé fundamentalista concentra-se na aceitação de um corpo doutrinário, a proposta é de aceitar o pacote fechado. A inerrância torna-se o conceito fundamental sobre o qual o fundamentalismo depende, as interpretações da liderança prontamente em segundo lugar próximo.

Enquanto linguagem específica de inerrância não mudou muito na revisão da declaração de fé, o conceito de declarações definitivas de verdades brilha forte. Um presuposto da inerrância é que a verdade tem sido definida de forma clara. Não quer dizer apenas que existe verdade definitiva,

¹⁶ Manuscritos originais da Bíblia.

¹⁷ Paul Pressler em Merritt, p. 41.

¹⁸ Boschen, p. 36.

mas que a verdade doutrinária tem sido compreendida de forma clara. Há pouco espaço para uma discussão plena da verdade, pois se considera a verdade revelada claramente. Aqui entra o discurso inerrante do fundamentalismo. Os pronunciamentos da liderança são tidas como acima de qualquer crítica. A liderança fala tão inerrantemente quanto o texto que propõe seguir e sustentar.

Teoria de Inspiração Plenária-Verbal (Menos participação humana):

Pontos Identificadores:

A definição de inspiração sendo vista pela ótica da teoria plenária-verbal¹⁹ é um tema constante da teologia fundamentalista. Tem servido de um dos pontos determinantes da ortodoxia para o fundamentalista. A teoria determina que já que Deus não mente, tudo que Deus falou é verdadeiro sem qualificação. Logo, para que a Bíblia seja tida como inspirada por Deus, deve igualmente estar isenta de qualquer classe de erro. Sendo que notamos alguns erros nas cópias que temos em mãos, a teoria é geralmente aplicada apenas aos documentos originais—os autógrafos.

Na teologia fundamentalista, esta teoria determinante transforma-se no *a priori* da aceitação da Bíblia. É tanto o teste de prova para determinar se o indivíduo crê na Bíblia, como também o fator que determina se a Bíblia é a palavra de Deus.

Esta teoria de inspiração volta à filosofia do iluminismo, com a sua ênfase em escrita isenta de perspectiva, especialmente em termos da historiografia. O conceito pervadiu o pensamento fundamentalistas, promovendo o uso deste ideal historiográfico dos anos 1800 como o modelo apropriado para lidar com passagens históricas no testemunho bíblico. Teorias plenárias-verbais de inspiração enfatizam ação divina na elaboração do texto bíblico, subjugando qualquer participação humana. As teorias geralmente não tratam aspectos do processo de transmissão oral antecedentes ao texto bíblico, o seu desenvolvimento histórico, nem o processo comunitário envolvido no seu desenvolvimento, transmissão, e preservação.

Implicações:

Já que a inerrância como *a priori* depende da teoria plenária-verbal de inspiração, é também a lente pela qual a teoria é interpretada. Tende, portanto, a uma apreciação plana do texto bíblico. Por plana, entende-se que a Bíblia em sua íntegra em suas partes individuais reflete um único nível de autenticidade, inspiração, desenvolvimento teológico e clareza. Desta perspectiva, o conceito de desenvolvimento do texto ou uma progressão doutrinária é essencialmente anulado.

Como produto da teoria plenária-verbal de inspiração, o processo de revisão,²⁰ transmissão, aceitação e canonização dos textos bíblicos é ignorado. Os comentários de Lucas referentes à sua pesquisa²¹ dos eventos que ele detalha são ignorados, bem como a re-edição do livro das profecias de Jeremias.²² Enquanto existem no mínimo anotações explicativas no texto de Gênesis que

¹⁹ Teoria plenária-verbal explica a inspiração como ditação divina, palavra por palavra, sem interferência ou participação real do agente humano na transcrição do texto.

²⁰ *i.e.* Conhecemos diferentes edições do livro de Apocalipse que circularam, bem como variações do livro de Daniel. (AUNE, p. cxxxvi e GOLDINGAY, pp. xxv, xxx-xxxii).

²¹ Lucas 1:1-4.

²² Jeremias 36.

provém de um período muito depois de Moisés, a teoria não lida com a transmissão de narrativas e detalhes até a redação textual, nem com possíveis mudanças no texto após uma escrita original das mesmas narrativas.²³ Outras teorias de inspiração conseguem lidar com estas temáticas, mas a plenária-verbal geralmente as ignora por completo.

Outra implicação desta teoria é o fato de sua tendência a tratar a íntegra da Bíblia como espelhando o mesmo nível de inspiração. Todo o texto bíblico é presumido ter sido pronunciado palavra por palavra pela boca de Deus, e, portanto, igualmente inspirado. Tal ignora os debates antigos referentes à inclusão de certos livros no canone, debate que reflete uma compreensão bem diferente, dando peso variável a diferentes livros que foram incluídos. Também ignora as variações de ensino doutrinário que aparecem em passagens diferentes. Os textos falam às vezes de múltiplos deuses existindo e exercendo influência no mundo.²⁴ Outras passagens proclamam a *Iahvé* como o único Deus.²⁵ Hebreus fala de Deus revelando-se mais claramente através de Jesus Cristo do que pelos profetas de tempos anteriores²⁶—um reflexo de níveis variados de inspiração e clareza da mensagem de Deus.

Tendência Polarizante (Defendendo “A Resposta Cristã”):

Pontos Identificadores:

Como a teologia fundamentalista vê a fé como a aceitação racional de conceitos específicos, o seu enfoque recai em declarações de verdades.²⁷ Tal tem implicações tanto para o caráter da fé, como também para a maneira em que decisões são feitas em resposta a questões morais e éticas. Em qualquer sistema que retrata interpretações importantes em contrastes estilo “preto e branco,” a tendência é de oferecer respostas simples ao que outros consideram questões complexas. Para o fundamentalismo, tal gera uma chamada singular “resposta cristã”. Esta perspectiva se encaixa bem com o desejo popular de uma teologia *fast food*, já que simplifica o complexo, mesmo de em termos simplórios.

Escrevendo em 1935, Henri Bergson declarou que tal liderança não se “perturba com contradições, porque nega a sua existência.”²⁸ O fundamentalista completamente anula vozes contrárias, não dando-os ouvido, pois a verdade é vista como cristalizada. O posicionamento em verdades definitivas estende-se à maneira em que assuntos de aplicação teológica e crença são vivenciados. Deve-se simplesmente seguir a linha partidária. Como escreve Draper sobre o fundamentalista, “Ele simplesmente pronuncia [opiniões contrárias] como sendo sinistros e heréticos.”²⁹

Para muitos fundamentalistas, as polêmicas maiores no radar público são homossexualidade, aborto, feminismo, inerrância bíblica e a historicidade das narrativas bíblicas. Normalmente uma discussão de tais questões é encerrada com uma resposta simplória. Tentativas por outros para tratar a complexidade dos tópicos antes de defender uma postura são vistas como respostas não-

²³ Gênesis 14.14 usa a frase “até Dã,” numa passagem anterior ao nascimento de Dã, gerações antes que a terra prometida fosse assentada e dividida entre as tribos.

²⁴ Gênesis 31.35; Êxodo 12.12; 15.11; Deuteronômio 3.24.

²⁵ 2ª Reis 19.15-19.

²⁶ Hebreus 1.1-4.

²⁷ Cothen, pp. 5, 22, e 48.

²⁸ Henri Bergson em Reynolds.

²⁹ Draper, p. 40. ??

cristãs a temáticas definidas. Declarando o homossexualismo como pecaminoso ao igual de não pagar os impostos devidos seria visto como aquem “da resposta Cristã.”³⁰

Implicações:

O fundamentalismo tende a polarizar pessoas, classificando-as em categorias nítidas com base em uma supersimplificação de assuntos. Se houver “uma resposta Cristã” para uma temática, uma discordância é definitivamente herética. Nos primeiros anos da tomada de poder na Southern Baptist Convention, aos professores de seminário foi enviado questionários para serem respondidas com respostas de “Sim ou Não” a uma série de perguntas doutrinárias. Qualquer questionário não devolvido foi presumido refletir respostas contrárias ao exigido. As implicações da tendência incluem a definição de linhas de batalha com provas simplórias de ortodoxia e heresia.

Para muitos, a política tem-se tornado a terra sagrada do movimento fundamentalista. Como as polêmicas são respondidas de forma simplística, a resolução política é tida como uma realidade palpável. Por eleger o candidato certo, “a resposta cristã” pode ser facilmente definida e promulgada na arena política. A verdade é definitiva. A resposta cristã correta é definida com clareza. A única coisa necessária, portanto, é uma plataforma apropriada da qual se possa estender a vontade divina na arena pública—o discurso inerrante da verdade divina.³¹

Em julho de 2004, o [Jerry Falwell](#) discutiu com a perspectiva política de outro crente, dizendo que se ele não houvesse votado pelo George Bush, então não era crente evangélico.³² Falwell podia apenas enxergar um punhado de questões morais como determinantes para o voto político do cristão. Sua perspectiva enfatiza um grupo específico de tópicos que não apenas se tornam o campo de batalha para respostas simplórias, mas também se tornam assuntos auto-determinantes da fé. Para Falwell, estas temáticas giram em torno de aborto e sexualidade. Em privado ele pode lidar com outros assuntos, mas no seu discurso público são estas as temáticas cem por cento determinantes.

Ênfase em Definição Inimiga (importância de batalha espiritual):

Pontos Identificadores:

O inimigo é um dos maiores enfoques do fundamentalismo. Por natureza, o fundamentalismo é uma reação a mudanças na sociedade ou a percepção delas na teologia denominacional.³³ Todo movimento reacionário necessita um inimigo ao qual reagir. O fundamentalismo tem olhado toda oposição a seus esforços como sendo satânico em origem. Todos que discordam são tidos não só como hereges, mas ativamente opondo-se à vontade de Deus. Com esta perspectiva de oposição demoníaca, a guerra espiritual é dado mais proeminência do que recebia em círculos tradicionais. Se tudo que é maligno tem origem satânica e o discurso da liderança fundamentalista é efetivamente inerrante, qualquer oposição é demoníaca.

³⁰ Na próxima seção sobre definição inimiga (p. 8), o tópico sera tratado mais afundo.

³¹ Boschen, p. 24, 31, 36-37 e Thomas Graves em Cothen, p. 50.

³² Allen, http://www.baptists4ethics.com/article_detail.cfm?AID=4470.

³³ Cothen, p. 17.

A Bíblia contém muitas referências ao satânico, ao demoníaco, a deuses falsos, e assim por diante. Raramente, porém, são tais o enfoque de sua discussão. Enquanto a Bíblia geralmente os trata como periféricos ao assunto central, o fundamentalismo tende a realçar o inimigo. Esta tática tende a externalizar a batalha espiritual e detalha as linhas de batalha mais claramente. Há menos ênfase na responsabilidade humana na espiritualidade, assim como há menos enfoque na escolha humana em questões de salvação. Como as linhas de batalha são mais precisas, pessoas tornam-se secundárias na lida para avançar a vontade de Deus.³⁴

Implicações:

Enfatizando uma teologia de inimigo limita a responsabilidade humana na batalha espiritual, como em qualquer outro aspecto da vida. Enfatizando o inimigo depersonaliza aqueles que se consideram estar atuando contrários aos alvos e perspectivas do fundamentalismo. A teologia de inimigo agrega linguagem e ação antagonista ao lidar com o mundo. O caráter do evangelismo se altera de amar os perdidos ao reinar de Deus a remí-los das garras do inimigo.

Em conseqüência do caráter predestinário extremo de perspectivas da teologia fundamentalista no SBC, a compreensão do alvo do evangelismo é também diferente. A ênfase gira em torno de um conceito fatalístico da soberania divina, perante a qual a pregação do evangelho não se preocupa com a qualidade ou aceitação das palavras proferidas. Tudo que importa é que o evangelho seja pronunciado. Espera-se que os eleitos virão ao serem impelidos por Deus a virem à verdade.³⁵ Aqueles que não responderem simplesmente não foram predestinados a serem salvos.

Para o fundamentalismo entre batistas da convenção do sul, o inimigo tem sido caracterizado como o “liberal.” J. Frank Norris assim chamava qualquer que discordasse dele. W. A. Criswell, enquanto dirigia a Dallas Theological, determinou referente a qualquer que não aceitasse o seu credo doutrinário, “há muitos outros lugares onde os infiéis podem lecionar.”³⁶ Vozes discordantes não são tidas como apenas heréticas, mas não-cristãs. Devem ser expulsas, pois são vozes inimigas.

Morris Chapman, falando à Southern Baptist Convention em junho de 2004, comentou acerca das implicações de seguir com o caminho de caráter oposicional.

Um erro de alguns movimentos fundamentalistas do passado tem sido a crença dos aderentes que acertar-se com a doutrina é acertar-se com o Senhor. Retidão verdadeira foi descartada com demasiada facilidade a favor de um tipo de dogmatismo que sufocava e desmoralizava aos demais cristãos. Em outras palavras, à doutrina correta era dada equivalência à vivência reta. Não são uma e a mesma coisa.

Contrasenhas contemporâneas são usadas para excluir pessoas. É o pecado farisaico quando boas pessoas, cujas teologias e ministérios são acima de reprovação são difamadas, desacreditados, ou banidos simplesmente porque se negam a seguir cegamente posturas políticas particulares. Insinuações, boatos

³⁴ Boschen, p. 35.

³⁵ Conversa com Phil Templin, 1993, em Xalapa, Veracruz, Mexico sobre a natureza de implantação de igrejas: “Plantar igrejas é simplesmente juntar os eleitos.” Phil atualmente é coordenador regional da International Mission Board no Caribe.

³⁶ W. A. Criswell, citado em Reynolds.
2004_Impacto_Fundamentalista.doc

*sem fundamento, piscadelas clandestinas e sinais sutis são tão mortíferas quanto à bala de um assassino, e geralmente tão iníquas.*³⁷

Os comentários de Chapman podem ser interpretados para dar espaço à difamação daquele cuja teologia ou ministério está sob suspeita. Por qualificar “insinuações” e “boatos sem fundamento” como sendo “geralmente” iníquos, ele cede espaço para um uso justo de mentiras, boatos e difamações. Efetivamente, ele tem reintroduzido o seu “pecado farisaico” como sendo legítimo na batalha contra a heresia—aqui justificado pelo seu emprego para defender a Deus!

Dependência na Tradição (a priori da teologia cultural):

Pontos Identificadores:

Dado que o fundamentalismo é um movimento reacionário a uma insegurança,³⁸ proveniente de mudanças no âmbito social e a uma percepção de heresia, é também muito dependente de uma teologia tradicional. Quando se depara com uma interpretação daquelas doutrinas sobre as quais se há construído um sistema de fé, a reação inicial normativa é de rejeitar por completo a nova perspectiva. Para poder avaliar algo novo de forma adequada, precisa-se estar seguro em algo além de suas crenças.

Quando as mudanças sociais são drásticas, o indivíduo comumente sente-se obrigado a responder a novos desafios e perguntas referentes ao seu sistema de fé. Em tal contexto, o fundamentalismo geralmente se apegua forçosamente à sua tradição teológica, em luta desesperada para segurança.³⁹ Esta dependência na teologia cultural ou popular pode-se ver na polarização em questões polêmicas, nos quais as respostas de épocas antigas são fornecidas num novo contexto com uma série de perguntas novas. Uma das forças promovendo a insegurança por detrás do fundamentalismo é a recente modificação de paradigmas sociais sofridas nas gerações recentes na América do Norte. Da era industrial, passou-se à era da informática. Em vez de focar a fabricação de produtos, o novo paradigma enfocou a compreensão e sentido das coisas.⁴⁰ Se for correto que estamos vendo outra modificação paradigmática surgindo, há uma crescente ansiedade correspondente, ao passo de que a igreja procura validar a fé aparte de suas estruturas e respostas provindo de eras agrícolas e industriais.

Muitas vezes a teologia e a definição de teologia correta se baseia mais na tradição recebida do que do estudo sério da Bíblia ou da teologia. Muitas vezes pode refletir um medo de perder a fé em face de perguntas para as quais a tradição não oferece resposta. O novo paradigma social substitui a estrutura de fé baseado em modelos industriais com verdade científica como o seu alvo máximo. Na sociedade de hoje, tal paradigma perde validade, porém as nossas estruturas de fé foram construídas sobre este paradigma.

No novo conflito entre paradigmas, o corpo de Cristo deve procurar diligentemente achar novas respostas ou adequar-se a tradição recebida. A resposta fundamentalista geralmente tenta reformular a história em busca de um porto seguro ao qual se possa voltar.⁴¹ A tradição histórica

³⁷ Chapman, Morris. “The Fundamentals of Cooperating Conservatives: Report to the Southern Baptist Convention” 15 de junho de 2004. em Merrell, p. 2, ênfase original.

³⁸ Sandeen em Boschen, p. 27.

³⁹ Boschen, pp. 40, 42, e 64.

⁴⁰ Dale, pp. 17-19.

⁴¹ Boschen, pp. 13, 64.

a qual se aponta pode nunca haver existido. Mesmo como um passado projetado, porém, é suficiente para engendrar uma segurança fundamental.

Implicações:

O impulso de segurar-se às crenças tradicionais promove a re-edição da história, enviesando a história para promover a perspectiva preferida. Um tema comum no discurso fundamentalista na SBC, é um “retorno às nossas raízes conservadoras.” Para enfatizar este conceito, tem falado do seu esforço como o “ressurgimento conservador.” Para fundamentar o posicionamento de que o movimento é um retorno às raízes históricas da SBC, recontam a história batista com enfoque nos indivíduos que defendiam uma doutrina dentro de suas perspectivas, ou reinterpretando as suas palavras para encaixá-las nos seus parâmetros.

Ao focar indivíduos e ocorrências que promovem o seu conceito, ignora-se os contrapontos. O ministério e impacto da Lottie Moon, missionária solteira de êxito que trabalhou na China é ignorado por completo. A Lottie foi estratégica em avançar o papel da mulher em missões, efetiva em seu esforço não só entre mulheres e crianças, mas entre homens também. Os batistas da SBC utilizam o seu nome para a sua maior oferta missionária cada ano, mas atualmente ignoram o essencial da história e impacto de sua vida.

Os fundamentalistas apontam alguns dos escritos de E. Y. Mullins como grande figura da história batista, que promovia a sua compreensão das Escrituras. Ignoram o fato da contribuição de Mullins à vida batista ter sido que ele manteve os batistas do sul unidos em face da controvérsia fundamentalista de seu dia. Ele teve uma tendência teológica parecida em alguns pontos com as posições dos fundamentalistas atuais, mas falava severamente contra a história revisionista de seu dia, contrariando a insistência da época de que os batistas tiveram sua origem com João Batista, traçando o seu suposto desenvolvimento específico até os tempos atuais.⁴²

Ao referir-se às suas “raízes conservadoras,” procuram indivíduos isolados ou uma teologia popular, não levando em conta que os batistas do sul não tinham nenhuma declaração doutrinária desde a sua fundação em 1845 até 1925, nem que a declaração de 1925 evitou polêmicas teológicas importantes para a liderança fundamentalista. As raízes as quais apontam geralmente ficam na margem do corpo central. Como caso específico, o nome da Associação Batista Geral da Virgínia sugere a sua posição e resposta à controvérsia que procurava definir se a eficácia da morte de Jesus se limitava aos eleitos (particular), ou se era uma expiação de efeito geral, para todos que aceitassem. A Convenção Geral Batista do Texas formou-se à mesma luz. Tal posição de afirmar a expiação geral era um posicionamento e oposição direta à teologia mais calvinista dos chamados “batistas particulares,” que seriam os representantes mais próximos das raízes dos fundamentalistas de hoje.

O Impacto do Fundamentalismo na Revisão de 2000 da Declaração de Fé Batista:

Dentro das temáticas teológicas entre fundamentalistas batistas, tentarei agora lidar com aspectos específicos da revisão da declaração de fé dentro das temáticas gerais definidas acima. Para um

⁴² McBeth, p. 147.

estudo mais detalhado das modificações do texto (1963 a 200), eu refiriria à comparação lado-a-lado com comentário preparado pela convenção batista do Texas.⁴³ O comentário não trata todas as modificações, mas é um bom começo. Para mais análise, pode-se recorrer a artigos preparados por Russell Dilday⁴⁴ e David Hull⁴⁵.

Impacto da Fé Proposicional:

A revisão de 2000 enfatiza uma definição proposicional da fé—o aceitar um corpo de crenças doutrinárias—acima de confiar em e depender de Deus num relacionamento vivo. Tal se percebe na maneira pela qual o texto realça referências a conhecimento, crivo teológico, e verdade. A declaração sobre crivo teológico enfatiza o conceito de que parâmetros doutrinários devem ser definidos de forma muito mais restrita do que na declaração de 1963.

A revisão redefine a Bíblia como sendo a revelação de Deus em contraste à compreensão de 1963, de que a Bíblia é registro da revelação divina. A diferença muda a ênfase dos eventos revelacionais por trás do texto a um novo enfoque nas palavras do texto escrito. O texto é muito mais estático, e logo mais definitivo como declaração de verdade. Uma interpretação possível da revisão de 2000 neste ponto é que a Bíblia é o todo da revelação de Deus.

Eliminando linguagem para efeito de que Jesus Cristo seja o critério para uma interpretação bíblica apropriada, a revisão efetivamente torna-se essa chave interpretativa. Já que a revisão chama-se de um “instrumento de crivo doutrinário” bem como um “guia de interpretação,” ela controla a interpretação ortodoxa da Bíblia.

A revisão enfatiza a Deus como sendo oniciente, assim entrando no debate sobre o caráter do conhecimento divino e polêmicas referentes a se Deus mesmo se interessa em saber de todos os eventos futuros e possibilidades futuras. A Bíblia é clara em defender que Deus conhece no mínimo a pincelada maior do futuro, porém não determina o conhecimento divino dos detalhes de eventos futuros refletidas na revisão.

Às vezes, modificações da revisão são sutis. Num ponto, “comprometidos a seus ensinios” foi modificado a “seguindo os seus mandamentos.” Esta mudança reinterpreta as instruções de Jesus como uma série de ordens para observância legalista. Sem denegrir o senhorio de Jesus, “ensinos” mais facilmente se adequa ao aspecto relacional de Jesus chamar os discípulos de “amigos”⁴⁶, enfatizando a vida baseada no relacionamento com Cristo em termos de Senhor. Em contraste, “mandamentos” contraria o aspecto relacional e pessoal, modificando o relacionamento ao do servo cego que obedece a uma lista estrita de regras. O “mandamento” sumário em João 15 é o amor. Tal é uma postura aberta a ser vivida em contraste a um grupo de regras. Regras denotam definições específicas de verdades, enquanto ensino é aplicar instrução à vida.

Ao descrever a salvação, a revisão enfatiza o termo justificação como um dos aspectos ou das etapas essenciais da salvação. Esta ênfase agrega-se a uma compreensão legal da salvação. A justificação é o conceito de Deus inocentar alguém perante a lei divina. A versão 1963 refiria-se

⁴³ www.bgct.org/bfm/bfmcomp.pdf.

⁴⁴ O artigo de Dilday foi publicado em O'Brien, estando também acessível online: http://www.baptiststandard.com/2001/4_30/pages/dilday.html.

⁴⁵ David Hull, <http://www.fbcknox.org/worship/text%20sermons/BFMresponse.html>.

⁴⁶ João 15.12-17.

à salvação com ênfase no seu caráter relacional em termos de um processo. Não há muita mudança de palavras, mas há ênfase agora no conceito de justificação legal.

A santificação é compreendida levar-se à “maturidade espiritual,” enquanto em 1963 havia-se como alvo a perfeição. A perfeição espiritual estabelece um processo que se estenderia além da morte, enquanto a maturidade poderia se alcançar neste lado da eternidade.

Outra modificação no texto alterou uma leitura que enfocava uma responsabilidade compartilhada entre os membros da igreja em termos de autoridade e o fazer decisões.⁴⁷ O texto foi modificado para enfatizar a responsabilidade dos membros em relação a Cristo Jesus. Esta mudança tem o efeito de retirar a membresia do processo de fazer decisões na igreja local.

Sob evangelismo e missões, a revisão adiciona “O Senhor Jesus há mandado a pregação do evangelho a todas as nações.” Enquanto seja verdade, esta frase é possivelmente a expressão bíblica mais fraca do mandamento referido. Na versão de Mateus, Jesus manda discipular as nações—o que requer muito mais investimento e uma compreensão mais profunda da ordem. A pregação do evangelho pode ser definida como um simples anúncio da mensagem, sem mais investimento de alguma energia necessária. Tal conceito segue versões restritas de teologia predestinatária, perante os quais o evangelismo é reduzido a reunir aqueles que Deus já determinou que serão salvos. Esta é a perspectiva geral do documento revisado. Segundo este conceito, é suficiente anunciar o evangelho, pois quando os eleitos o ouvirem, eles responderão de forma positiva.

Na mesma porção do documento, uma frase que clamava por “esforço pessoal e todo outro método em harmonia com o evangelho de Cristo,” foi trocado por “testemunho verbal embasado numa vida cristã e outros métodos em harmonia com o evangelho de Cristo.” Tal substituição minimiza o esforço e a responsabilidade humana no evangelismo e obra missionária. É dessa ótica que provém declarações classificando o islamismo como uma religião “malévola”, ou que Deus não ouve a oração de um judeu.⁴⁸ A compreensão é que não temos papel em convencer ou mesmo de fazer a apresentação do evangelho aceitável. Simplesmente faz-se um anúncio da “fórmula mágica” da salvação.

A declaração sobre a educação reverte a linguagem da versão de 1925 que ligava o cristianismo à filosofia do iluminismo. O palvrear é diferente da versão de 1925, mas o impacto é bem parecido. Ênfase é colocada na aquisição e sede pelo endendimento, em lugar da ênfase de 1963 na educação como meio de testemunho e benevolência.

Impacto da Inerrância e da Teoria Plenária-Verbal:

A revisão acrescenta a qualificação, “Portanto, toda Escritura é completamente verdadeira e confiável.” Esta frase qualifica o caráter da Bíblia como tendo autoria divina e contendo “verdade, sem mistura de erro, como sua matéria.” Está inclusão coloca a carroça à frente do cavalo, pois agora a Bíblia é compreendida ser a palavra de Deus apenas pela lente da teoria da inerrância. Tal realmente resulta numa aceitação qualificada da Bíblia como palavra de Deus. É confiável apenas ao refletir estes critérios. As teorias da inerrância e inspiração tornam-se efetivamente mais importantes do que a própria Bíblia que pretendem descrever. É o “discurso

⁴⁷ Hull.

⁴⁸ Bailey Smith, discursando na Southern Baptist Convention em 1980.

inerrante” que é dado primazia real. A revisão é um “instrumento de crivo teológico.” Portanto, tem mais autoridade do que a própria Bíblia.

Não há muita linguagem na revisão referente à teoria da inerrância. Há muita aplicação da teoria em relação à natureza do documento revisado. O uso do documento como um credo torna o seu discurso inerrante em relação a doutrina batista aceitável. O texto torna-se o discurso inerrante e a lente efetiva para toda interpretação bíblica. De certo, a teoria da inerrância tem sido amplificada neste documento. Como o Jerry Rankin (presidente da Junta missionária de Richmond) escreveu aos missionários Don e Angie Finley (Rio de Janeiro), “Dizer que é um ‘documento feito por homens’ é denegrir o processo de igrejas locais e denominações, divinamente guiados, coletivamente buscando e determinando a vontade de Deus.”⁴⁹

Em 1980, a convenção do sul redigiu a resolução de número 16, determinando que apenas aqueles que se apegassem à inerrância da Bíblia, o caráter infalível dos manuscritos originais, deveriam ser empregados pelas agências denominacionais.⁵⁰ Esta resolução preparou o caminho perante o qual a Declaração de Fé tem sido e está sendo aplicado em círculos batistas. Como em outros lugares, missionários no Brasil foram forçados a se demitirem ou serem demitidos por não se submeterem à ordem de subscrever ao documento. Foram classificados como hereges e liberais por não aceitar o discurso inerrante do documento revisado.

Impacto da Polarização:

Ao retratar da ordem social, linguagem foi introduzida que realça pecados sexuais, enquanto ignora outras classes de pecados. Junto com esta ênfase no pecado sexual, há um pequeno relaxamento de responsabilidade pessoal para com os necessitados, usando o “nós” mais genérico em lugar de um pronome mais pessoal. Incluído aqui vem também uma declaração realçando o valor inerente da vida, com linguagem específica de oposição ao aborto e a eutanásia. Enquanto usa-se o termo mais genérico “nós” em referência a responder necessidades sociais, a frase “todo cristão” é mantido em relação ao trabalhar pela correção da sociedade, governo e indústria em torno de princípios de retidão, verdade e amor.

A declaração revisada referente ao pecado original racha uma sentença em duas, com a inclusão do termo “portanto” para ligar as duas porções do texto. A primeira vista, não parece fazer mais do que encurtar as frases para melhorar a comunicação. O termo extra, porém, tem a força de colocar a culpa da pecaminosidade humana sobre o primeiro ser humano. Em essência, a revisão diz que pecamos porque o primeiro ser humano pecou. Sem aquele primeiro pecado, não teríamos nos tornados pecadores. Esta é uma enorme mudança teológica. A versão 1963 falava da herança de uma inclinação ao pecado. A revisão de 2000 declara que atuamos sobre esta inclinação por causa daquele primeiro pecado. O pecado, portanto, não é mais a nossa culpa, mas é a do pecador original.

Esta mudança de perspectiva referente ao pecado original clama por uma redefinição calvinista estridente da fé batista. Coloca o seu enfoque na soberania de Deus, enquanto limita a nossa responsabilidade e liberdade de vontade. Debates e polêmicas sobre a aplicação da fé giram principalmente em torno da livre vontade do indivíduo para fazer julgamentos morais. Quando

⁴⁹ Jerry Rankin, “Letter to Don and Angie Finley.” 13 de Janeiro de 2003. citado na íntegra em: www.mainstreambaptists.org/finley.htm.

⁵⁰ Hull.

estas duas características da fé são eliminadas, polêmicas podem ser respondidas de acordo com uma clareza cristalina, classificadas sem disputa como certo e errado.

Impacto da Definição Inimiga:

O linguajar sobre eleição muda a sua apreciação da temática desde “uma demonstração gloriosa da bondade soberana de Deus” a ser “a demonstração gloriosa da bondade soberana de Deus.” Esta mudança de um vocábulo faz com que a eleição seja agora a única demonstração da bondade soberana de Deus, em vez de ser uma entre outras. Se a eleição é a demonstração da bondade soberana de Deus, é intrinsicamente bom que Deus escolheu os eleitos para passar a eternidade no céu. A verdade por trás disso é que também é bom que Deus condenou os demais ao inferno. Ausente a liberdade de escolha humana, a condenação ao inferno é completamente proveniente da ação soberana de Deus. A implicação desta fórmula de predestinação dupla é que a condenação dos não-eleitos é bom. Tal conceito tende-se não apenas a uma definição de inimigo, mas a atos de oposição militante contra aqueles que se percebe promover heresia. A revisão estimula o tipo de acusação falsa ao qual Morris Chapman se referiu na sua palavra à convenção em junho de 2004.⁵¹

A declaração referente a guerra não foi modificada substancialmente, além de uma sentença que tem um tom de se esperar a intervenção divina na ordem mundial para instituir um reino de paz. Não fica claro o que a frase realmente significa, mas parece um pouco fora do caráter do contexto a não ser que se refere ao chamado reino messiânico de Cristo.

A revisão não define todos os detalhes da doutrina da liderança fundamentalista, mas clarifica algumas das divergências mais significativas entre o que essa liderança acredita e o que os batistas do passado aceitaram como a sua base comum de conceitos doutrinários. Em vez de ser um documento escrito para juntar os batistas, esta revisão teve como propósito distinguir entre quem seguiria a linha do partido e quem manteria-se na linha do posicionamento de batistas de anos passados—em caráter é documento revisionista.

O restringir de definições doutrinários teve como intenção excluir aqueles fora dos parâmetros teológicos da liderança fundamentalista. A versão de 1963 fora redigida para conciliar todos os batistas juntos sob uma só declaração ampla o suficiente para a grande maioria de batistas poderem aceitar. A revisão delimita a doutrina aceitável de forma considerável.

O preâmbulo do novo documento o torna um “instrumento de crivo doutrinário,” dando-o a força de um credo. Tem sido utilizado para limitar o ministério daqueles que agora se encontram fora de seus parâmetros. Tem sido aproveitado para reger a atuação de missionários, professores de seminário, empregados denominacionais, escritores de currículo, jornalistas, e agora voluntários atuando em conjunto dos missionários da Junta de Richmond (International Mission Board).

Aqueles que se opuseram à revisão e direção da liderança fundamentalista tornaram-se o inimigo. Estes são silenciados e isolados de participação na vida batista por qualquer meio necessário. Para um movimento como o fundamentalismo ter sucesso, o movimento precisa de um inimigo. As palavras de Adolf Hitler sobre esta temática são pertinentes: “A massa ... quer uma doutrina

⁵¹ Chapman em Merrell, *loc. cit.*
2004_Impacto_Fundamentalista.doc

simples e um inimigo, de preferência só um inimigo ... a verdade é irrelevante: apelos emocionais são melhores do que argumentos intelectuais.”⁵²

Impacto da Dependência na Tradição:

Os comentários sobre o Dia do Senhor relaxam o conceito da celebração. Em lugar de separar o dia para culto, devoção, e ausentar-se de entretenimento mundano, determina-se apenas que deveria-se incluir práticas de culto. A consciência deveria então servir de guia para o indivíduo determinar como comemorar o dia. Em vez de voltar à Bíblia para autoridade, a revisão aqui usa como fundamento a influência de mudanças do setor secular—uma tradição emergente.

Em referência à morte de Cristo oferecer salvação, a edição de 1963 não entrou na discussão de teorias que procuram explicar a morte de Jesus. Notava-se que Jesus foi eficaz em dar-nos salvação através de sua morte e ressurreição. Limitou-se a defender que Jesus efetivou a nossa expiação. A revisão de 200 insere o termo “substitucionária” para explicar a morte de Jesus, assim limitando-se a uma entre várias imagens ou explicações bíblicas da forma em que a morte de Jesus efetivou a nossa redenção.⁵³ Tal compreensão (substituição) é um retorno a uma teologia popular, em vez de um estudo sério da Bíblia. A tradição aqui é o intérprete primário, tomando o lugar de uma análise cuidadosa.

A declaração revisada enfatiza a distinção entre homens e mulheres, descrevendo esta distinção como parte da caráter bom da criação de Deus. Tal declaração por si não é problemática. É em conjunto outras declarações no documento que surge problemas ao tentar excluir a mulher de atuar em ministério, especialmente em termos de pastorear uma igreja. A base para essa interpretação vem do *a priori* da prática tradicional que logo procura justificativa por meio do uso de textos-prova na interpretação. O discurso inerrante da tradição fundamentalista é a base real para essa delimitação.

A revisão defina que as mulheres são de valor igual perante Deus, porém as coloca em sujeição a seus esposos. “Ela, sendo na imagem de Deus como é o seu esposo e portanto igual a ele, tem a responsabilidade dada por Deus a respeitar o seu marido e servi-lo como o seu ajudante em manter o lar e nutrir a próxima geração.” No mesmo respirar, uma esposa é dado status igual e uma posição subserviente, negando seu estado de igualdade.

A revisão também acrescenta, “Não há salvação aparte da fé pessoal em Cristo Jesus como Senhor.” A primeira vista essa é uma declaração muito coerente com a versão de 1963. Já que a fé esta sendo redefinida como a aceitação racional de um corpo de conceitos, porém, esta frase tem um caráter muito diferente do que se espera encontrar. Na revisão, a salvação é mais que outra coisa um posicionamento legal perante Deus e a fé é a aceitação de um corpo doutrinário. A implicação lógica é de que Abraão, Moisés, Josué, Elias, Eliseu e Daniel não foram salvos, pois não conheciam o nome Jesus Cristo.⁵⁴

⁵² Adolf Hitler, citado em Reynolds.

⁵³ Para maiores explicações, veja Baillie, *God Was in Christ: An Essay on Incarnation and Atonement*. London: Faber and Faber, 1961. pp. 171-189, e Gerhard Barth, “*Ele Morreu por Nós*”: *A Compreensão da Morte de Jesus Cristo no Novo Testamento*. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1997.

⁵⁴ Uma interpretação de 1ª Pedro 3 é usado para substanciar declarações de que estes vieram a conhecer a Cristo entre o momento da crucificação e ressurreição de Cristo, porém tal entra em conflito com outras passagens que defenderiam que o indivíduo enfrenta o juízo imediatamente no momento da morte, bem como os textos tratando de Enoque e Elias sendo “levados” por Deus.

A versão de 1963 concordaria que não há meio de salvação em competição com o evangelho e a obra de Jesus Cristo. Não exigiria, porém, o uso de uma declaração formulaica para a salvação (“Deves repetir as palavras, Jesus Cristo é Senhor”), mas defenderia a necessidade de colocar a vida em dependência completa nas mãos de Deus na forma que Jesus ensinou. O Novo Testamento enfocaria a compreensão da mensagem que Jesus proclamava, em lugar da repetição de uma fórmula para efetivar a salvação. A diferença na frase aqui depende na definição de fé. Se fé é aceitar a verdade de afirmações específicas, a diferença é enorme.

A liderança denominacional tem insistido que as mudanças na revisão não eram substanciais. Eles esperavam que os batistas não prestariam muita atenção a este documento. “Enquanto não houve mudanças significativas no documento, a declaração sobre a família de 1998 e outras mudanças em 2000 tem sido respostas apropriadas a polêmicas e desafios contemporâneos que tem emergido nos últimos 38 anos desde que a declaração de 1963 foi adotada.”⁵⁵ Lendo o documento como um teólogo, eu vejo mudanças significativas e drásticas em termos de doutrina e intenção. A revisão de 2000 é muito mais que uma revisão. É uma nova direção e uma nova diretiva para batistas da convenção do sul (SBC). Uma declaração resumindo os conceitos comuns da fé tem sido transformada num “instrumento de crivo doutrinário”—um meio de forçar conformidade.

Conclusão:

O fundamentalismo modificou a aplicação da declaração de fé batista. De um consenso de opinião entre batistas, passou a ser a definição máxima de ortodoxia. As forças definindo fé como proposicional tanto direcionaram o processo de revisão como guiaram a aplicação do documento, transformando-o num credo—um documento autoritário regendo ortodoxia—nas palavras do preâmbulo da revisão de 2000, “um instrumento doutrinário a que se presta contas.” Mesmo que os esforços revisionistas não fizeram algumas das modificações maiores que se podia ter esperado da liderança fundamentalista, promulgou a base para enfatizar conformidade doutrinária, um caráter proposicional da fé, um pano de fundo contribuindo para teologia de inerrância, e estrutura autoritária para que a liderança possa ditar o que o indivíduo deve crer.

⁵⁵ Jerry Rankin. “Letter to IMB Missionaries.” Janeiro de 2002, citado na íntegra em John Merritt, *The Betrayal... of Southern Baptist Missionaries by Southern Baptist Leaders, 1979-2004*, pp. 207-208.

Bibliografia:

- Allen, Bob. "Falwell Says Wallis Isn't an Evangelical." Baptist Center for Ethics. 20 de Julho de 2004. http://www.baptists4ethics.com/article_detail.cfm?AID=4470.
- Aune, David E. *Word Biblical Commentary, Volume 52A: Revelation 17-22*. Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1998.
- Baillie, D. M. *God Was in Christ: An Essay on Incarnation and Atonement*. London: Faber and Faber, 1948, 1961.
- Baptist General Convention of Texas. "1963 and 2000 Baptist Faith and Message Statements and Commentary." <http://www.bgct.org/bfm/bfmcomp.pdf>.
- Barth, Gerhard. *"Ele Morreu por Nós": A Compreensão da Morte de Jesus Cristo no Novo Testamento*. Traduzido por Nélio Schneider. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1997. (Original em alemão, 1992, *Das Verständnis des Todes Jesu Christ im Neuen Testament*.)
- Boschen, Timothy L. *Fundamentalism, Authoritarianism, and Radical Evil*. Trabalho de estudo sabático na Oxford University, Junho de 2004. Até o momento não-publicado.
- Cothen, Grady C. *The New SBC: Fundamentalism's Impact on The Southern Baptist Convention*. Smyth & Helwys: Macon, GA, 1995.
- Dale, Robert D. *Leadership for a Changing Church: Charting the Shape of the River*. Nashville, TN: Abingdon Press, 1998.
- DeVane, Steve. "Conservatives considered dividing seminaries with SBC moderates, Patterson recalls." 16 de Junho de 2004. http://www.abpnews.com/news/news_detail.cfm?NEWS_ID=64.
- Dilday, Russell H. "An Analysis of the Baptist Faith and Message 2000." Abril de 2001. Também publicado em *Stand With Christ: Why Missionaries Can't Sign the Baptist Faith and Message 2000*. Smyth & Helwys: Macon, GA, 2002. <http://www.mercer.edu/baptiststudies/HotIssues/Dilday.htm>.
- Draper, James T. Jr. *The Church Christ Approves: Christian Life and Witness in Response to Present Needs*. Broadman Press: Nashville, 1974.
- Ellsworth, Tim. "Mullins Legacy Tied to Both Sides of SBC Controversy, Mohler Says." *Southern Seminary Magazine*. June 2000. Louisville, KY.
- Goldingay, John E. *Word Biblical Commentary, Volume 30: Daniel*. Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1989.
- Gourley, Bruce. *The God-Makers: A Legacy of the Southern Baptist Convention?* Franklin, TN: Providence house Publishers, 1996.
- Harbin, Christopher. "Termination Notes." www.teamgaucho.org/terminationnotes.htm Novembro de 2002.
- Hobbs, Herschel. *The Baptist Faith and Message*. Nashville, TN: Convention Press, 1971.
- Hull, David W. "Baptists: Understanding our Faith and Message." First Baptist Church, Knoxville, TN. June 2000. <http://www.fbcknox.org/worship/text%20sermons/BFMresponse.html>.
- McBeth, Harry Leon. *Texas Baptists: A Sesquicentennial History*. Dallas, TX: Baptistway Press, 1998.
- Merrell, A. William, ed. *SBC Life: A Journal of the Southern Baptist Convention*. Volume 12, No. 9. Agosto de 2004. SBC Executive Committee: Nashville, TN.

- Merritt, John. *The Betrayal of Southern Baptist Missionaries by Southern Baptist Leaders, 1979-2004*. 2004. Publicado em particular, sob contrato de marketing com a Smyth & Helwys: Macon, GA. <http://www.helwys.com/books/merritt.html>.
- O'Brien, Robert. *Stand with Christ: Why Missionaries Can't Sign the Baptist Faith and Message 2000*. Smyth & Helwys: Macon, GA, 2002.
- Pierce, John D., Ex. Ed. *Baptists Today*. Agosto de 2004. P. O. Box 6318, Macon, GA 31208-6318.
- Poole, Gary Andrew. ".Just Blowin' in the Wind: Today's Artists Fail as Social Commentators" USA Today, Tuesday, 10 de Agosto de 2004.
- Prescott, Bruce. Mainstream Baptist Network. www.mainstreambaptists.org.
- Reynolds, Herbert H. "Anatomy of an Illness: Fundamentalism in the Southern Baptist Convention." Palestra no forum da Southern Baptist Convention em New Orleans, Junho de 1990. <http://www.txbc.org/2001Journals/Aug2001/801anatomyofillness.htm>.
- Watson, Jr., C. E. *Call Me Jeremiah: A Memoir to the Takeover, Dismantling, and Restructuring of a Christian Denomination*. Baptist History and Heritage Society: Brentwood, TN, 2003.

-End of Document-